

QUESTÃO AMBIENTAL

O Homem Sem Pernas

Prof. Wilson Taveira de Los Santos ¹

RESUMO:

O homem vive sempre estirado em dolorosa tensão entre os extremos do bem e o mal. Este trabalho visa a apresentar uma crítica do complicado panorama nacional no que concerne à questão ecológica, considerando-a como o equilíbrio de todas as manifestações da vida. A afetividade e o desenvolvimento da consciência ecológica nos âmbitos pessoal, familiar e social, então, se tornam as únicas possibilidades de solução para esta problemática.

ABSTRACT:

Man always lives stretched in painful tension between the extremes of good and evil. This paper seeks to present a critical view on the complicated national panorama regarding the ecological question, considering it as the balance of all manifestations of life. Affectivity and the development of an ecological commitment, within the personal, familiar and social environment become the only possibilities of solution to this problem.

O HOMEM SEM PERNAS

“Tudo o que o homem já foi, fez, pensou ou conseguiu, tudo isso está registrado, em mágica preservação, nas páginas dos livros.” (Thomas Carlyle, 1795-1881)

Apesar de todo o conhecimento científico, tecnológico, filosófico, artístico e toda a experiência de muitas centúrias, o homem continua descendo a um patamar de degradação moral e auto-destruição.

As eras já passadas foram devidamente rotuladas pelos antropólogos. Expressões tais como, “o homem paleolítico”, “o neolítico” e tantas outras mais, descrevem os períodos pelos quais o ser humano atravessou. Quando chegar o momento em que os estudiosos se voltarem para os Séculos XX e

1 Professor de Inglês, mestre e doutorando em Engenharia da Produção pela UFSC, Florianópolis. Professor do Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas no Cefet-PR da Unidade de Curitiba

XXI, certamente escolherão o rótulo de “A Era dos Homens Sem Pernas”. As evocações daquele passado serão, mais ou menos, assim: Nos Séculos XX e XXI as pessoas tiveram atrofia total dos membros inferiores. Homens e mulheres se locomoviam somente em veículos automotores desde que nasciam. Havia elevadores e escadas rolantes para evitar que as pessoas exercessem a capacidade de andar com suas pernas. Esta situação se impôs sobre os habitantes da terra com força impetuosa devido a seu extraordinário modo de vida. Naquela época, os homens não achavam grande coisa viajar centenas de quilômetros por dia. Mas, o mais surpreendente é que não usavam seus pés - para caminhar - nem sequer quando estavam de férias. Construíam teleféricos, trens e até rodovias para atingir o topo das montanhas. Toda a beleza natural estava maculada pela odiosa visão de enormes estacionamentos.

Os futuros livros de história também registrarão que os homens começaram a perder sua visão. Ou em outras palavras, a perder o poder de observação. Na pressa daquelas pobres criaturas e no afã de ir de um lugar a outro, não conseguiam ver nada durante o percurso. As viagens aéreas davam ao desditado ser humano uma visão de ave ou... nem sequer isso. De nuvens vistas ao contrário. Quando um daqueles sobreviventes viajava de automóvel, ônibus ou trem, a paisagem tornava-se opaca e cinzenta devido à velocidade do próprio veículo, sem considerar a poluição gerada pelos tais automotores. E pensar que eles já detinham o conhecimento técnico para viagens cristalinas, límpidas e inofensivas à frágil saúde da biosfera. Que ironia! Sofriam devido a sua dura cerviz. Ou seria, devido à usura e à vaidade que pulsavam em seus corações?

Os condutores da época sofriam de uma compulsão terrível. A de seguir sempre adiante. Até o próximo lugar. E então, até o próximo. Nunca desejavam parar. O céu não era o limite. A próxima cidade o era. Até chegar lá, pois esse lugar que fora o alvo tão desejado, já passava a ser considerado ponto de partida para a outra cidade. Era o atrativo da estrada que exercia uma magia sobre todos eles? O que seria? Por que esta autoflagelação?

O típico sobrevivente do Século XX ou XXI era o homem que sempre dizia: “Já estive nesse lugar.” Poder-se-ia mencionar o lugar mais remoto que, imediatamente, o tal motorista metralhava impiedosamente: “Já estive lá.” Na realidade queria dizer: “Passei por lá a 160 quilômetros por hora quando estava indo para outro lugar.”

Quando se viaja a grande velocidade, o presente nada significa. Vive-se principalmente no futuro, sempre com a expectativa do próximo ponto de chegada. Mas a chegada ao local desejado, uma vez atingido, nada representa. Deseja-se continuar e continuar. Eis o desafio. Viajando assim, elimina-se toda a experiência e a boa aventura. O presente cessa de ser uma dádiva. Ele já fugiu de nossas mãos. A vida se torna virtual; não real.

O caminhante, por outro lado, vive constantemente no presente. Aprecia cada momento e cada espaço que a Natureza lhe proporciona. Para este, o viajar e o chegar fazem parte da mesma sensação. Sempre chega a algum lugar, logo após cada passo que dá. Vive cada momento e aprecia tudo o que vê e ouve e, em outras palavras, sente ardentemente com todo seu ser. No fim de sua caminhada, regozija-se pela fadiga de ter percorrido, por si só, aquela jornada. Eis a justa recompensa do verdadeiro viajante. Todas as nossas faculdades mentais nos levam a sentir. Ver, ouvir, saborear, tocar, contemplar, meditar são, em suma, os fatores que nos fazem sentir. Ou deveria dizer, os vetores que nos levam a experimentar as mais belas sensações? *Sentir* é melhor que *ter* e, por outro lado, *ser* é melhor que todos os outros verbos, menos o verbo *amar*. Eis a trilogia: sentir, ser e amar.

O movimento nos ensina a aprender. Izabel Galvão, em seu livro “Henri Wallon” p. 111, nos diz: “Na história da humanidade podemos encontrar ilustrações interessantes desta relação dinâmica entre postura, atenção e aprendizagem. Na Grécia Antiga, encontramos as célebres aulas “peripatéticas” de Aristóteles. Este filósofo dava aulas em movimento, andando junto com os alunos, pois considerava que o ritmo da marcha favorecia o fluxo do pensamento. Passando pela Idade Média, deparamo-nos com o exemplo dos monges que, apoiando seus pesados livros sobre mesas altas, liam e escreviam em pé.”

Quantas coisas podemos aprender caminhando! Quando andamos por prazer, nos encontramos com nosso “eu” e aprendemos a nos conhecer por dentro. Como somos, como pensamos, como agimos e como reagimos perante estímulos endógenos e exógenos.

O PRESENTE É A DÁDIVA DA NATUREZA

Desacelere. Viva um dia de cada vez. Não se castigue pelo que já passou. Não anseie atormentando-se pelo que não chegou. O ontem é uma recordação, o amanhã, uma abstração. Ninguém pode consertar seu passado destruído. Ninguém pode garantir-lhe um futuro pleno de júbilo. A nós, seres humanos, só nos resta o hoje para viver. O presente é a dádiva da Natureza a ser vivida e desfrutada neste momento. Este é um *signal de alerta*. Viva plenamente o dia de hoje. Esta é a vida real. Temos o que precisamos para viver e devemos compartilhar tudo que temos com nossos entes amados. Cada aurora é o prenúncio da esperança renovada. É a nova oportunidade para que sua vida seja mais plena, mais fecunda e, sobretudo, mais amorosa. Lembre-se, um grau de correção no trajeto de um grande navio significa um novo rumo, um novo horizonte, um novo destino.

Para nós, uma pequena correção em nossas vidas significa um caminho novo a percorrer. Novas sensações plenas e honestas. Eu posso mudar. Você pode mudar. Para melhor, é claro!

Os ingleses têm um ditado que vem de longa data: *“Time and tide wait for no man”* (Ou seja, “O tempo e a maré não esperam por ninguém”). Como o futuro é uma abstração, precisamos tirar proveito das horas que acompanham nosso caminhar agora. O futuro é um caminho incerto. O presente da Natureza para nós é nosso presente, ou seja, o tempo de agora.

O HOMEM SEM NADA

O homem sem pernas, ou como diriam os ingleses: *“the legless man”* (que também é o homem sem coração, sem lei, sem alma, sem escrúpulos, sem pudor, sem respeito e outros ‘less’ mais), que ora perambula pelas estradas deste mundo, é, sem dúvida, um homem sem espírito, sem cérebro, sem sentimentos.

A hipocrisia impera em seu agir. Quando este homem diz: “Prazer em conhecê-lo”, não está, nem de longe, pensando que sua presença lhe traz alguma alegria. O prazer está, certamente, no lucro que o primeiro pode adquirir do segundo. É triste, mas é verdade. O mundo do lucro, da soberba, o mundo das aparências, das veleidades, supera em larga proporção ao verdadeiro mundo em que deveríamos viver. O mercantilismo, melancólico legado do capitalismo, está de vento em popa.

E qual seria este mundo em que deveríamos viver? Seria o mundo do interesse genuíno e sincero pelo semelhante e seu bem-estar. O interesse sincero pelo planeta e sua sustentabilidade. Em inglês a palavra *“juros”* é *“interest”* e em espanhol *“interés”*. Verdadeiramente, não é desse *interesse* que estamos falando!

Hoje o refrão é: “Que cada um salve sua pele.” Isto é evidente nas ruas, logradouros e estradas deste gigante adormecido em berço esplêndido. O trânsito no Brasil é realmente um desastre. Um desastre ecológico. Burlar a lei, acelerar até o limite do seu veículo para deixar o outro automóvel para trás é o desafio. Não importa a conseqüência. Seria a influência da *Fórmula 1*, nas pueris mentes dos motoristas brasileiros, tão intensa a ponto de transformar a vida em uma simples, jovial e temerária brincadeira? A tênue linha entre a vida, o sofrimento, a deficiência física e o além fica, assim, menor com a atitude desta gente. Os homens, de gentis cavalheiros, se transformam em selvagens ou vândalos quando estão dirigindo um automóvel! Que processo de transformação interessante! O Dr. Horror ficaria fascinado com esta metamorfose!

Que se pode dizer dos políticos? Da política? Da politicagem? Da corrupção? Das combinações secretas? Do consumismo exagerado? Do dispêndio compulsivo? Do incentivo ao endividamento? Da degradação moral da alma e, conseqüentemente, do ser humano?

O desdém das classes dominantes pelos menos favorecidos é notório. As falácias são formas de violência. Assim como o sarcasmo, a ironia, o

embuste, a impostura, a falsidade ideológica, o estelionato, o peculato, a gatunagem. (*Patrimônio de muitos.*)

Que se pode dizer dos seqüestros, dos raptos, do estupro, do incesto, da tortura, dos maus tratos, do uso das coisas proibidas, dos vícios, do desmando, dos assaltos e de todas as outras formas de violência que dobregam e ferem o contorno e o íntimo da criatura humana? Que se pode dizer sobre a promoção do pânico oferecido, quase gratuitamente, pelos meios de comunicação e pelas autoridades competentes, ou deveríamos dizer, as autoridades *incompetentes*? Que se pode dizer sobre a *esperteza* ou, em outras palavras, sobre a desonestidade. Uma criança ou um adulto, quando consome uma guloseima qualquer, escondido em um supermercado e ninguém descobre, é aplaudido como um prócer depois de experimentar um júbilo inefável! Como é melancólico perceber que certas pessoas têm o poder de mudar a semântica de uma língua e os princípios morais!

As loterias, os jogos de azar *legais*, patrocinados pelos governos e por particulares em todos seus níveis, são verdadeiros vendedores de sonhos e quimeras. Qual a real chance, de um reles mortal, ganhar o prêmio maior? Com a palavra, agora, os admiráveis matemáticos!

Que se pode dizer da dicotomia: tabagismo e paisagismo? Petróleo e ecologia? Desperdício e reflorestamento? Incongruência, seria a resposta?

A propaganda é uma outra forma de falácia. A propaganda comercial ou política. Isto é o que abunda no círculo do americanizado termo *mídia* e em suas adjacências. Tanta verossimilidade é inconcebível! (Se bem que o termo *mídia* vem do latim, nossa língua-mãe).

Os pseudo-sacerdotes que invocam o *sagrado*, mas que conduzem vidas irregulares ou reprocháveis, determinam que a vida religiosa, se mescla impunemente com a pedofilia e outras formas de perversão, bestialidade e selvageria. É o império da teratogenia. Que panorama melancólico! Já dizia o célebre Albert Einstein, em seu livro, "Como Vejo o Mundo", p. 17: "Imagino os historiadores do amanhã interpretando nossa época!". Que vergonha! Que tristeza!

Como, então, não concluir que o homem dos Séculos XX e XXI é ápole, acéfalo, acárdio e desalmado!?

O CUME ESPIRITUAL DO HOMEM

Toda realidade foi, uma vez, apenas um sonho. (W.T.)

O essencial não está no fato de ser poeta, nem mestre, nem artista, nem filósofo, nem médico, nem engenheiro. O essencial é que cada ser humano tenha a dignidade de seu trabalho, a consciência de seu trabalho; a alegria do mesmo.

O orgulho de fazer as coisas corretamente, o entusiasmo de sentir-se satisfeito, de reivindicar o que é seu, é a sã recompensa dos fortes, dos que têm o coração robusto e o espírito límpido. Dentro dos sagrados números da Natureza, nenhum labor bem feito vale menos, nenhum vale mais.

Todos somos algo valioso e necessário na marcha do mundo. Aquele que se engaja na construção da torre e o outro que ergue a cabana; aquele que tece os mantos imperiais e o outro que faz o traje humilde do operário; aquele que molda a sandália de seda ou aquele que fabrica os rudes calçados do agricultor. Todos somos algo. Todos estamos nivelados por essa força reguladora que reparte os dons e impulsiona as atividades. Um grão de areia sustenta ou desquicia uma pirâmide; um pedaço de pão salva ou acaba com uma vida; uma gota do precioso líquido faz murchar, ou deixar uma planta cheia de vida. Todos somos algo, representamos algo, damos vida a algo e ansiamos algo. Aquele que semeia o grão que nutre nosso corpo, vale tanto quanto aquele que planta a semente do saber em nosso espírito. Nos dois labores envolve-se algo transcendental, nobre e humano. Isto é: a dilatação e a perpetuidade da vida. Esculpir uma estátua, polir uma jóia, aprisionar um ritmo, escrever um bom livro, animar uma tela, são coisas admiráveis. Tornar a terra fecunda e povoá-la de pomares e mananciais, criar um filho inteligente e belo e, então, poli-lo e amá-lo, ensinar-lhe a desnudar seu coração e a viver em consonância e em harmonia com seu próximo, são coisas eternas.

Que ninguém se envergonhe de seu trabalho, que ninguém repudie sua obra se nela colocou o afeto diligente e o entusiasmo fecundo. Que ninguém inveje a ninguém. A inveja é uma carcinoma das madeiras podres. Nunca das árvores louças. Que cada um magnifique o que é seu. Que cada um se defenda e se escude de tudo aquilo que é pernicioso. Que cada um possa tornar suas virtudes disponíveis, assim como seu tempo e talentos. Que cada um possa ofertar a outrem o que há de melhor em si mesmo!

Aquele que é triste, ruim, danoso é o enxuto de espírito. É aquele que tudo nega, aquele que é incapaz de respeitar e de amar. Aquele que é incapaz de sonhar. O nocivo é o néscio de coração, o imoderado, o canalha, o murídeo, o iracundo, o traidor, o torpe, o devasso, o sensual, o usureiro, o mandrião, aquele que nunca fez nada e tudo censura. Porém, aquele que sonha e trabalha, que ganha seu pão e nutre sua alegria, o justo, o nobre, o pulcro, o de bom coração, para esse, sacudirá o futuro seus ramos de profusas flores cobertas de pérolas de orvalho, já seja garimpeiro, galeno, mestre, rábula, lenhador ou poeta. A Natureza sorrirá àquele que cultivou uma flor, escreveu um livro e criou um filho com amor. Que ninguém se sinta menos que outrem. Que ninguém maldiga a ninguém. Que todos nós possamos cuidar de nosso planeta com carinho, altivez, responsabilidade e pulcritude.

O cume espiritual do homem é, e sempre será, o retorno ao abraço das coisas singelas e humildes.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO ECOLÓGICO

Toda carne sucumbe ante ou sob a inclemente ação deletéria do tempo. (W.T.)

Uma das coisas mais difíceis de se conseguir é a já famosa *mudança de comportamento*. O homem que se barbeia deixando a torneira aberta e que entende a questão ecológica, ainda não passou pelo processo de mudança de atitude. Acredita-se que para que isto ocorra, é necessário algo muito forte. Como quando alguém sente sua vida ou a vida de algum ente querido ameaçada. Algo assim, como um terremoto espiritual.

Ver os golfinhos ou os passarinhos mortos devido à ação de uma substância prejudicial ou a mata ardendo durante dias seguidos devido à ação irresponsável de um fumante, por exemplo, ou o derramamento de óleo no mar ou o despejo de vinhoto nos rios, pode surpreender no começo. Causa um impacto em nosso cérebro e em nosso coração. Mas depois cai no olvido. Este é o aliado íntimo da irresponsabilidade.

As cenas perigosas nos causam horror. Cenas como aquela que vi um dia desses. Dois rapazes - às seis da manhã - depois de consumir várias latinhas de cerveja e alguns alimentos, jogaram os restos ali mesmo e depois sobre esse desperdício fizeram xixi! Talvez tenham pensado: "Alguém vai limpar isto para nós!"

Ou como aquela outra, mais grave e cruel, quando presenciei um motorista embriagado invadindo a calçada atropelando, ferindo e matando várias pessoas no ponto do ônibus! Fatalidade? Destino cruel? Que podemos dizer? O que é a vida? Quanto vale?

Caro leitor, você já viu pessoas - geralmente homens - cuspiando no chão? Ou literalmente escarrando? Ou urinando em vias públicas? Ou animais mortos por atropelamento deixados a apodrecer nas ruas e vias públicas? Ou cachorros nas praias? Ou pessoas vendendo alimentos em locais públicos, sem a mínima condição de salubridade? Ou o lixo hospitalar sendo manuseado e despejado sem nenhum cuidado? Ou o lixo tóxico ou radioativo atirado em qualquer lugar? Ou um caminhão transportando substâncias perigosas, sendo conduzido irresponsavelmente? Ou alguém matando animais silvestres? Ou poluir o único rio que rega sua cidade? Ou alguém estragando ou cortando árvores? É claro que sim! Estas coisas são comuns! Onde está o pudor? Onde a decência? Quanta insensatez! Quanta selvageria! Quanta brutalidade! Quanta mesquinhez!

De toda a criação, a criatura mais sublime é o homem. Será?

Este é um momento de reflexão! Encaremos a responsabilidade de ocuparmos o patamar das criaturas pensantes que habitam esta esfera.

O HOMEM ECOLOGICAMENTE CORRETO

O dinheiro necessário para prover alimentação, saneamento, educação, saúde e moradia para todas as pessoas no mundo inteiro foi estimado em 17 bilhões de dólares por ano. É muito dinheiro! Aproximadamente a soma que o mundo gasta com a fabricação de armas a cada quinze dias.

(Time Magazine, Fev. 1995)

Um certo homem estava lendo o jornal, sentado confortavelmente em sua poltrona preferida, enquanto seu filho, de não mais que oito anos de idade, cortava um pedaço de papel. Após alguns tempo, o homem, intrigado, perguntou ao menino o que este estava fazendo. A resposta foi desnecessária. O pai da criança logo percebeu que o infante estava cortando o *mapa-múndi*. Desesperado, mandou o filho para seu quarto, com a ordem expressa de não aparecer na sala enquanto não consertasse o estrago.

Passaram-se alguns minutos e lá estava o menino de volta. O furor do homem logo desapareceu quando... viu o mapa já arrumado sobre um pedaço de plástico. Lá estava tudo organizado. Os continentes, os mares, as grandes ilhas, as pequenas, tudo. O pai foi ao delírio! Exclamou: “Meu filho é um gênio!”

Começou a telefonar para todos os conhecidos e parentes informando sobre o acontecimento. Mas o filho passou a dissuadi-lo, dizendo: “Pai! Não é bem assim!”

E o garoto continuou: “Do outro lado do mapa estava o retrato de um homem. Eu consertei o homem e arrumei o mundo! Foi simples!”

Que cada homem possa consertar a si mesmo e ajudar àqueles que são incapazes de assim fazê-lo.

Seremos capazes de arrumar o mundo, trazendo-lhe paz e o verdadeiro progresso que é a amplidão da alma humana, gratidão e as grandes virtudes que são patrimônio dos fortes, dos puros, dos de alma límpida e serena. Dos sábios e dos verdadeiros valentes. Dos que sabem dos perigos do mercúrio, do chumbo, do cádmio, do urânio e de tantas outras substâncias nefastas. Dos que criam meios para utilizar estes recursos sem usura mas com sabedoria, parcimônia e pulcritude. E dos que sabem dos perigos da falta de autenticidade e de honradez.

O desenvolvimento sustentável emerge como instrumento que reposiciona os interesses socio-ambientais da criatura humana, precisamente num momento de crise marcado pelas contradições do paradigma neo-liberal. A crise ambiental está associada à importação de processos produtivos e à exportação de matéria prima que gera lucros para os estrangeiros e, em nível nacional, transforma nosso espaço, de acordo com a dinâmica de reprodução de exclusão social, propiciando a desigualdade entre as massas e a centuplicação da miséria, da poluição e da delinqüência.

A imprensa divulga, todos os dias, cenas e episódios de horror que amedrontam e escandalizam os cidadãos de bem. Poderemos um dia sair às ruas e passear nos parques, sem que nosso contorno e nosso íntimo sejam feridos e ultrajados? Poderemos, algum dia, deter nosso automóvel no semáforo, sem sofrer a tortura do pânico gerado pela presença de um marginal desesperado visando a usurpar o que de mais sagrado possuímos? Ou seja: nossa vida?

Eis a pergunta que paira no ar e pulsa nos corações de todos nós: Poderemos respirar a paz em nosso país?

Alguém se importa? Alguém se importa em morar nesta casa suja? A terra? Alguém se preocupa em respirar o mesmo ar que as chusmas do mal respiram?

Segundo a “Time Magazine”, todos os dias, quarenta mil crianças no mundo morrem de doenças que seriam facilmente curáveis. Aproximadamente cento e cinquenta milhões, abaixo de cinco anos de idade, estão desnutridos. Vinte e três milhões com gravidade. Mais de cem milhões de crianças na idade escolar, a maioria meninas, nunca adentraram a uma sala de aulas. Trinta milhões vivem nas ruas. Aproximadamente sete milhões são refugiados de guerra e, ao mesmo tempo, são vítimas da fome. A SIDA (Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida, popularmente conhecida no Brasil pela sigla inglesa, Aids) colhe suas vítimas infatigavelmente, ceifando a vida de jovens, deixando órfãos e especialmente viúvas em números que superam a dezena de milhões. Milhões de famílias perdem seus filhos para a prostituição infantil e para as substâncias nefastas. No Brasil as coisas não são muito diferentes que no resto do mundo. Que panorama lúgubre!

O PONTO DE MUTAÇÃO

Mas as coisas podem mudar. Rabindranath Tagore, poeta indiano, Prêmio Nobel da Paz em 1913, nos diz em um breve poema:

*Quando nasce uma criança
Traz consigo a esperança
De que Deus ainda não está
Desapontado com o homem.*

Cada criança que nasce traz consigo a esperança da renovação. Já nos dizia o célebre Padre Vieira: “A esperança é a doce companheira do homem.” Certamente, com um esforço denodado poderemos modificar nosso péssimo modo de vida atual. Poderemos ver claramente quais são os verdadeiros valores desta vida tão frágil e tão fugaz. Poderemos entender cabalmente o significado do direito à vida, à liberdade e à propriedade. A vida é um milagre da Natureza. A liberdade é o dom inalienável de poder existir sem medo nem

fronteiras. A verdadeira propriedade da vida é o poder de deter as virtudes, a paz e o amor pulsando em nosso seio. É compreender a sincera mensagem da paz que emana do coração dos justos e dos humildes.

Poderemos, então, compreender que ‘ser’ é muito mais importante que ‘ter’.

O perfeito conhecimento do homem e sua função, desde uma perspectiva socrática é o segredo para que o homem possa caminhar, pensar, agir, e sobretudo respeitar e chegar a amar seu planeta e seus semelhantes. Há tempo para as grandes transformações ainda. Há tempo para virar o jogo. Mas não podemos procrastinar nossa nova atitude.

Devemos dar o recado aos historiadores do futuro. O homem dos Séculos XX e XXI não era acéfalo, nem acárdio, nem desalmado. Muito menos sem pernas!

BIBLIOGRAFIA

- EINSTEIN, A. Como vejo o mundo. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982
- GALVÃO, I. Henri Wallon. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TIME MAGAZINE. New York. 1991.